

Professor sugere Corte de Haia

São Paulo — O professor Dércio Garcia Munhoz, da Universidade de Brasília (UnB), comparou o problema da dívida externa a uma agressão contra os países em desenvolvimento. Por isso, faz uma sugestão original: enquanto agressão, é questão que deve ser levada à Corte Internacional de Haia. “Especificamente no caso brasileiro, não temos dificuldades com os bancos, os quais recebem religiosamente os juros”, disse. “As pressões vêm justamente de organismos como o Fundo Monetário Internacional, Banco Mundial, Eximbank ou Clube de Paris — os quais querem que se pague o principal da dívida. Trata-se de pressão visando à submissão do país, de modo a produzir ganhos políticos para aqueles organismos. E isso é agressão.”

Munhoz recorda que nunca foi intenção dos países desenvolvidos ajudar no ajuste econômico dos subdesenvolvidos.

As grandes instituições internacionais apareceram no pós-guerra exatamente em função da recuperação das economias centrais. Essas, apenas na década de 70 — depois de terem obrigado os arábes a reciclarem os petrodólares — permitiram o desenvolvimento dos países periféricos pela via do endividamento. “Nos anos 80, os desenvolvidos saem no mercado como emprestadores de dinheiro e voltam-se novamente para seus próprios ajustes, sem olhar para o Terceiro Mundo.”

Observando esses ciclos, o professor Munhoz não endossa a proposta mais comum que aparece como a fórmula de o Brasil renegociar a dívida, ou seja, destinar apenas uma porcentagem dos ganhos com as exportações aos pagamentos de juros: “Se aceitarmos tais termos, estaremos aceitando novamente as regras dos anos 70 e admitindo que só podemos crescer com endividamento.”